

ISSN – 0553-8467

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 58

ANO 2002

CASAS SUBTERRÂNEAS NAS TERRAS ALTAS DO SUL DO BRASIL

PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ
Editor

Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo – Rua Brasil, 725 – Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS – UNISINOS

Rua Brasil, 725 – 93010-030 São Leopoldo, RS – BRASIL

Caixa Postal 275

E-mail: anchieta@helios.unisinos.br

Diretor: Pedro Ignácio Schmitz

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Diretor: Pedro Ignácio Schmitz, S.J.

Comissão Editorial

Artur Rabuske, S.J. – Coordenador de História

Josef Hauser, S.J. – Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. – Coordenador para Botânica

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. – Coordenador de Antropologia

Conselho Editorial

Rafael Carbonell De Masi, S.J.

Beatriz Vasconcelos Franzen

Maria Gabriela Martin Avila

Ana Luisa Vietti Bitencourt

Bartomeu Melià

Albano Backes

Paulo Günter Windisch

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados.

A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes: Antropologia, História, Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.

The autor is responsible for his (her) undersigned contribution.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. – (2002). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

175p. (Antropologia; n. 58)

ISSN: 0553-8467

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Pesquisas, Antropologia está indexada em *Ulrich's International Periodicals Directory* e CLASE, entre outras indexadoras.

ESTRUTURAS HABITACIONAIS ESCAVADAS NA BACIA DO RIO CHAPECÓ, EXTREMO OESTE CATARINENSE

*Solange Bezerra Caldarelli¹
Ana Lucia Herberts²*

Introdução

As pesquisas arqueológicas apresentadas neste trabalho ocorreram em função do licenciamento ambiental do Aproveitamento Hidrelétrico Quebra-Queixo, previsto para implantação no Rio Chapecó, com barragem e reservatório situados nos municípios de Ipuauçu e São Domingos (Fig. 1) e atenderam às exigências tanto da legislação ambiental quanto da legislação de proteção ao patrimônio arqueológico nacional.

Segundo o EIA do empreendimento (Engevix, 1998), a área de inserção da UHE Quebra Queixo pertence ao domínio geológico da Bacia do Paraná, representada localmente pela Formação Serra Geral (rochas efusivas basálticas), que recobre quase toda a área, com exceção de zonas restritas de aluviões ao longo das drenagens e à unidade geomórfica Planalto das Araucárias. Esta unidade apresenta feições acidentadas onduladas, desníveis de até 300m, vertentes íngremes escalonadas com patamares em degraus e topos aplainados. A porção mais a montante da área atingida pelo reservatório apresenta topografia mais suave, com planície de inundação atual de 10 a 20m, terraços amplos, e vertentes suaves de topo aplainado.

O rio Chapecó, afluente da margem direita do rio Uruguai, apresenta-se localmente com vale encaixado no relevo, sinuoso, com lajedos e ilhas, desenvolvendo corredeiras e quedas d'água. O solo local é resultante da decomposição do basalto apresentando, em superfície, blocos de rocha intemperizada, mais concentrados nos trechos em que as vertentes são mais íngremes.

Anteriormente às pesquisas feitas para o licenciamento ambiental da UHE Quebra-Queixo, pouco se conhecia a respeito da arqueologia da Bacia do Rio Chapecó, sobre a qual havia referências de apenas sete sítios arqueológicos, no

1 – Scientia Consultoria Científica e da Scientia Ambiental.

2 – Scientia Ambiental.

baixo e médio cursos do rio, registrados por Rohr (1984) e Goulart (1983) nos municípios de Águas de Chapecó, São Carlos e Chapecó, conforme Quadro I, abaixo:

Quadro I - Sítios arqueológicos registrados na Bacia do Chapecó, anteriormente às pesquisas no AHE Quebra-Queixo

Sítio	Município	Categoria
Águas de Chapecó 1	Águas de Chapecó	Tupiguarani
São Carlos 1	São Carlos	Tupiguarani
São Carlos 2	São Carlos	Tupiguarani
Chapecó 3	Chapecó	Galerias subterrâneas
Chapecó 4	Chapecó	Multicomponencial: Humaitá e Tupiguarani
Chapecó 9	Chapecó	Cerâmico (tradição não identificada)
Chapecó 10	Chapecó	Tupiguarani

Nenhum dos sítios acima foi jamais objeto de pesquisa sistemática, o que tornava as informações sobre a região extremamente precárias. As expectativas eram de ocorrência, conforme indicavam as fontes, de sítios pré-cerâmicos, sítios cerâmicos tupiguarani e sítios cerâmicos Itararé ou Taquara, uma vez que as fontes etnohistóricas indicavam a região como tendo sido ocupadas por índios kain-gang.

Os trabalhos de campo e laboratório foram desenvolvidos durante o ano de 2001, resultando na localização de 33 sítios arqueológicos, sendo 04 do tipo estrutura escavada³ e os demais, sítios lito-cerâmicos a céu aberto (acampamentos temporários de atividades limitadas), superficiais, certamente associados às estruturas circulares escavadas, conforme comprovaram os estudos laboratoriais dos artefatos (ver Fig. 1).

Os sítios a céu aberto foram objeto de coleta superficial total ou parcial. A escavação acabou sendo prejudicada pelo fato de os sítios serem totalmente superficiais, não ultrapassando 10 cm de profundidade. Isto também contribuiu para sua desestruturação espacial, pois não havia matriz suficiente para a manutenção espacial dos artefatos, em face dos fatores antrópicos (agricultura) atuantes na área.

Apenas as “casas subterrâneas”, registradas no sítio cadastrado como QQ-22, puderam ser objeto de uma ampla escavação arqueológica sistemática. Este sítio era composto por duas estruturas escavadas circulares (“casas subter-

3 – Também conhecidas na bibliografia arqueológica como “casa subterrânea”, ou, popularmente, por “buraco de bugre”.

râneas”), localizadas em área que será inundada pela formação do futuro reservatório, tendo por isso sido selecionadas para o resgate arqueológico.

Procedimentos metodológicos aplicados nas estruturas escavadas

Os métodos empregados foram cuidadosamente pensados, uma vez que a escavação, como diz Ferdière (1980), é um momento decisivo da pesquisa arqueológica. É da escavação que saem os documentos que comprovam ou invalidam hipóteses científicas. No entanto, pelo fato de os erros de escavação serem em geral irreversíveis, fato agravado por tratar-se de estruturas que seriam alagadas pelo futuro reservatório, o que impediria retornos futuros para sanar eventuais dúvidas, procurou-se fazer uma escavação bem ampla, tanto no interior quanto no entorno das estruturas, e registrar acuradamente tanto as atividades quanto os vestígios evidenciados.

As estratégias adotadas foram as abaixo descritas:

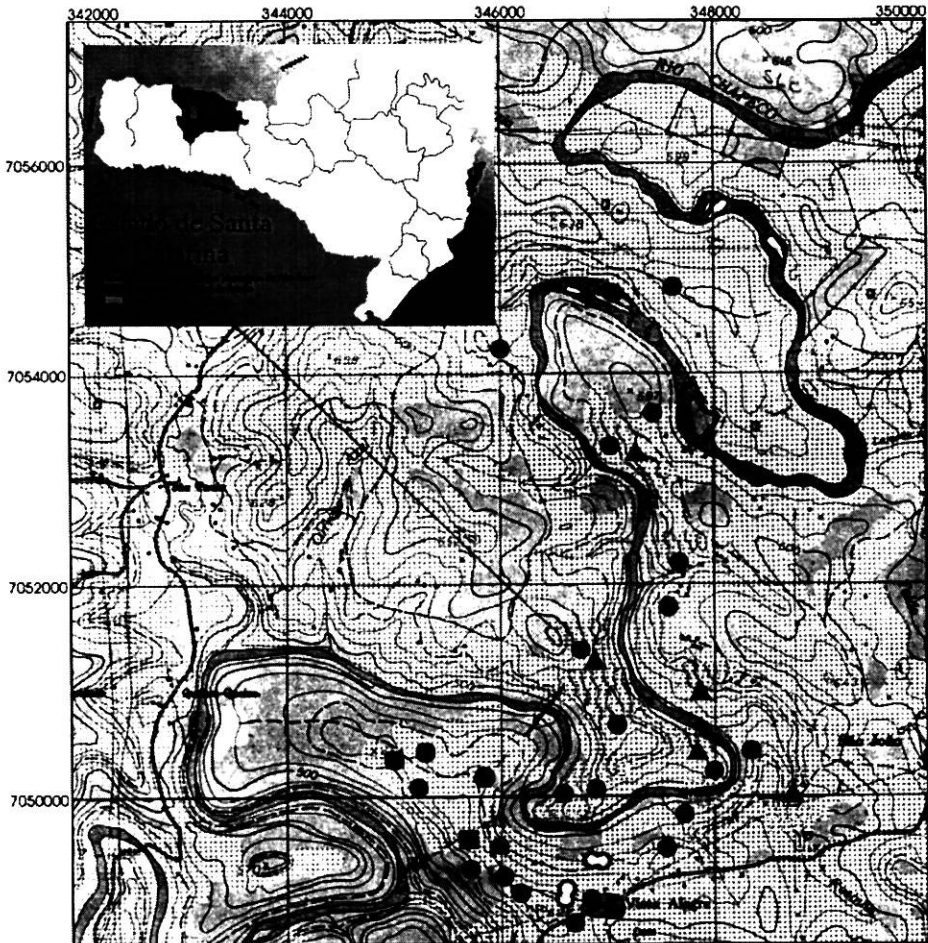
- Execução de 4 trincheiras, em volta das estruturas escavadas, com 10m de comprimento e 25 cm de largura, a partir da borda da estrutura, deixando uma faixa de 30 cm, como medida de segurança para a preservação da borda;
- A partir da dispersão dos vestígios arqueológicos nas trincheiras, delimitação das áreas externas a serem escavadas;
- Escavação de 50 a 75% do espaço interno de cada estrutura.

As trincheiras executadas no entorno demonstraram que o material arqueológico concentrava-se contínuo à borda das estruturas escavadas, especialmente no espaço entre as estruturas.

Na trincheira leste da Estrutura A, entre 5 e 6m da boca da estrutura escavada, a 30cm de profundidade, apareceu um pequeno buraco (possivelmente de esteio), preenchido por sedimento orgânico, com fragmentos de madeira apodrecida, entre dois blocos de basalto em decomposição

A partir da avaliação das trincheiras, procedeu-se à escavação do entorno das estruturas, em faixas semi-circulares, respeitando a morfologia elipsoidal da estrutura, inicialmente com largura aproximada de 2m. Estas faixas foram ampliadas à medida que se observava a ocorrência de materiais arqueológicos.

No caso da Estrutura A, o material estendia-se da boca até cerca de 5,50m, no sentido Norte e Oeste. Após um intervalo de cerca de 2m, sem vestígios, apareceram concentrações de material entre 7,5 e 11m, a partir da borda. No caso da Estrutura B, o material estendia-se da boca até cerca de 5m de distância, no sentido Sul e Oeste.



Folha cartográfica de 'São Domingos-SC'-MI272/2. 1: 50.000IBGE: 1981

Figura 1: Localização dos Sítios Arqueológicos UHE Quebra-Queixo.

- - Sítio Arqueológico
- - Ocorrência Arqueológica Discreta
- ⊙ - Casas Subterrâneas
- ▲ - Ocorrência Arqueológica Isolada

Inicialmente, foi retirada a cobertura vegetal, limpando a superfície. A decapagem foi realizada observando-se níveis artificiais de 5cm, através da raspagem do solo com auxílio de enxada. As peças arqueológicas evidenciadas na escavação (peças líticas, fragmentos cerâmicos, amostras minerais, carvão, ossos, etc...) foram coletadas e identificadas individualmente. Os setores foram escavados até 20 cm, estando a maior concentração de material arqueológico entre 5 e 15cm de profundidade.

Na escavação do interior das duas estruturas arqueológicas construídas, objetivou-se verificar seu processo construtivo e os níveis de ocupação, chegando ao piso original e registrando a inclinação das paredes.

A estrutura maior (Estrutura A) possuía inicialmente 9,50 x 8,50m de boca, mas foi afunilando à medida em que se aprofundava, chegando a cerca de 50% da área inicial, em sua profundidade máxima (2,40m). Dois tipos de solo foram evidenciados: um mais profundo, argiloso avermelhado (tabatinga), estéril, e um superior, marrom escuro, resultante do soterramento da estrutura.

Uma mancha escura com carvão foi evidenciada a 0,95m de profundidade, próxima à parede Oeste da estrutura, desaparecendo por volta de 1,43m. A sudeste, essa mancha escura atingiu 2,38m de profundidade. Entre 2,26 e 2,38m, foi evidenciada uma espessa concentração de nós de pinho calcinados.

O nível de perturbação na estrutura A foi grande, com tocas e buracos de animais, afloramento de água, árvores e raízes, entre outros fatores, o que dificultou a interpretação dos perfis estratigráficos, a definição das dimensões exatas e a localização do fosso central, com o piso e a parede original. Moradores locais informaram que nesta estrutura eram armadas armadilhas para caçar animais como pacas e tatus.

Os materiais arqueológicos encontrados e coletados encontravam-se na camada com solo marrom escuro, a maioria nos níveis mais superficiais, levando a crer que foram carreados do entorno da estrutura para o interior da depressão. Nos níveis mais profundos, o número de fragmentos cerâmicos e de peças líticas foi pequeno.

A estrutura menor (Estrutura B) possuía inicialmente boca com 3m de diâmetro, a qual afunilou-se para cerca de 1,80m. Não foi possível precisar exatamente o grau de afunilamento porque uma das paredes havia desabado. Sua profundidade máxima foi de 1,60m

Poucas foram as peças encontradas no interior da estrutura B, estando a maioria também concentrada nos níveis superficiais, ao redor da borda, provavelmente carreada do exterior para dentro da estrutura. No seu interior, foram localizados 36 nós de pinho, mapeados numa coluna que ia desde o nível 0cm até -1,50m de profundidade, estando alguns queimados e os mais profundos com mofo.

Cultura material

No Sítio QQ-22, foram coletados 242 fragmentos cerâmicos, sendo 184 simples, 27 com decoração plástica e 31 com superfície muito erodida, não sendo possível verificar se havia alguma decoração. Do total de fragmentos, 31 eram bordas, 196 fragmentos de bojo, 08 bases e 73 indefinidos. Foi possível reconstituir 11 vasilhas, que apresentaram os seguintes atributos:

Quadro II – Sítio QQ-22: Atributos morfológicos da cerâmica

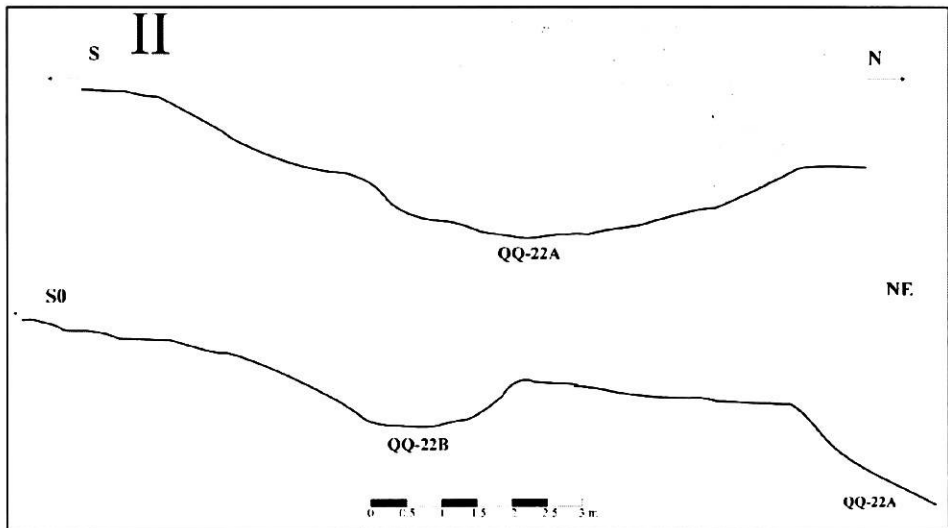
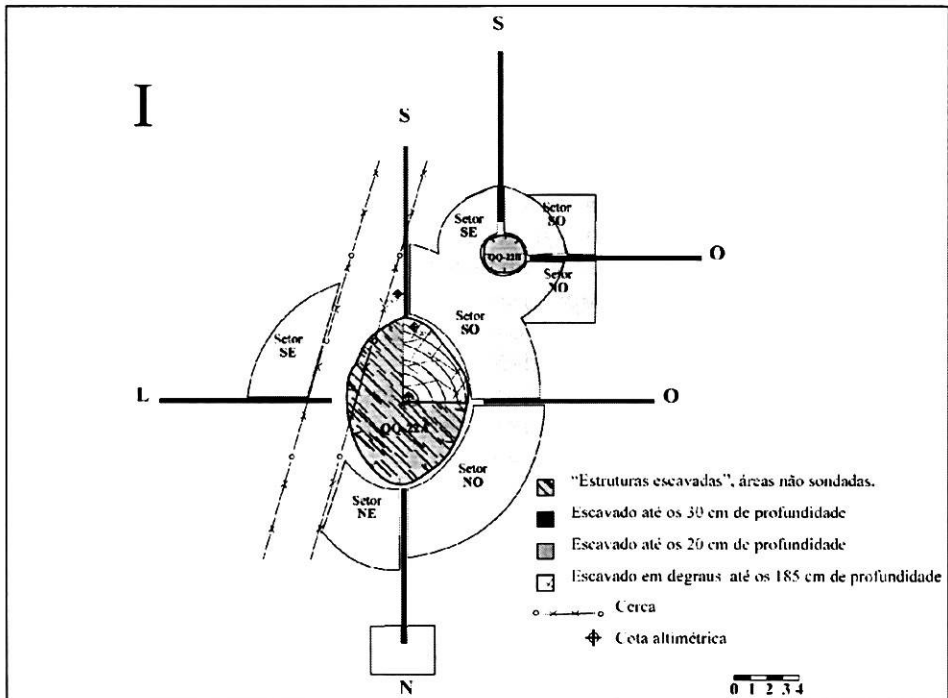
	D	B	F	
06	08 cm	Ref. externa	Elipsóide	1,323
265	08 cm	Extrovertida	Elipsóide	0,855
200	08 cm	Ref. externa	Elipsóide	0,958
108, 112	10 cm	Ref. externa	Elipsóide	0,928
104, 107	12 cm	Ref. externa	Esférica	1,417
60, 62	08 cm	Ref. externa	Elipsóide	1,504
71, 75, 76	10 cm	Extrovertida	Elipsóide	2,056
73, 74	12 cm	Extrovertida	Esférica	2,653
83	08 cm	Extrovertida	Elipsóide	0,949
97	26 cm	Direta	Meia esfera	5,140
98	08 cm	Extrovertida	Elipsóide	0,373

* Para o cálculo dos volumes, foram utilizadas as fórmulas apresentadas por Rice (1987) e Senior & Birnie III (1995).

No sítio a céu aberto com maior número de fragmentos (Sítio QQ-11), pode-se observar, a título de comparação, os atributos registrados:

QUADRO III – Sítio QQ-11: Atributos morfológicos da cerâmica

	D	B	F	
06	16 cm	Direta	Meia Esfera	2,572
10	10 cm	Extrovertida	Esférica	1,060
69	08 cm	Direta	Meia Calota	0,212
78	10 cm	Ref. Externa	Esférica	1,252
96	10 cm	Extrovertida	Elipsóide Vertical	0,612
126	16 cm	Direta	Meia esfera	1,489
136	18 cm	Direta	Meia esfera	2,274
137	10 cm	Expandida	Elipsóide Vertical	1,018



I - Planta baixa das escavações

II - Perfil das escavações

Figura 2: Quebra-Queixo Planta e Perfil das Escavações.

A técnica de confecção foi a modelagem em 84,2% dos fragmentos e acordelamento em 7,9%, no sítio QQ-11, enquanto que, no sítio QQ-22, foi proporcionalmente o inverso: 71,5% apresentaram-se acordelados e 23,5% modelados. Como foi difícil verificar a técnica de confecção nos fragmentos do sítio a céu aberto, devido ao seu mau estado de preservação, pode ser que o número de peças modeladas seja menor do que nos aparentou.

A cerâmica do sítio QQ-11, quanto ao estado de conservação, apresentou-se muito mal conservada, o que levou a um índice de 67,5% na categoria *missing*, enquanto que a cerâmica do sítio QQ-22 possui um índice de somente 5,4% de totalmente erodidos. O estado de conservação da cerâmica neste caso está diretamente relacionado ao processo de desagregação e destruição do primeiro e preservação do segundo, respectivamente.

Como antiplástico, em ambos os sítios, foi empregado comumente areia, com quartzo ou calcedônia, em muitos casos com espessura grossa, o que aumenta a porosidade das paredes. A queima identificada na quase totalidade dos fragmentos é redutora. As vasilhas possuem porte pequeno, com volume raramente ultrapassando 2 litros e com formas de contorno simples, semelhantes a "cuias", isto é, com dimensões mais altas do que largas, mais apropriadas, portanto, ao armazenamento e processamento de alimentos líquidos ou cozidos com água.

Em seu estudo da tecnologia cerâmica dos Kaingang de São Paulo, Miller Jr. (1978) constatou que as vasilhas mais altas do que largas eram destinadas ao cozimento de alimentos, enquanto que as vasilhas mais largas do que altas seriam para servir porções individuais de alimentos.

O índice de fragmentos decorados é superior no sítio QQ-22, com 11,2% de decorados plasticamente, em comparação com 1,4% no sítio QQ-11. Entre os tipos de decoração, encontram-se ungulados e ponteados, majoritariamente, e, em menor número, incisos e cestaria impressa. No Sítio QQ-11, foram identificados o ponteados (*a* e *b*) e a cestaria impressa (*c*), conforme figura 03. No Sítio QQ-22, a quantidade de fragmentos decorados é maior em relação aos demais sítios, mas ocorrem somente dois tipos de decoração: ungulado (*a*) e ponteados, o qual divide-se em ponteados simples (*b* a *d*, *i* a *m*) e ponteados zonais (*e* a *h*), conforme figura 04.

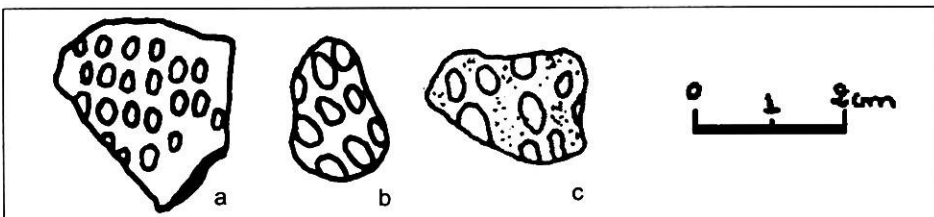


Figura 3: Tipos de decoração plástica registrados no Sítio QQ-11.

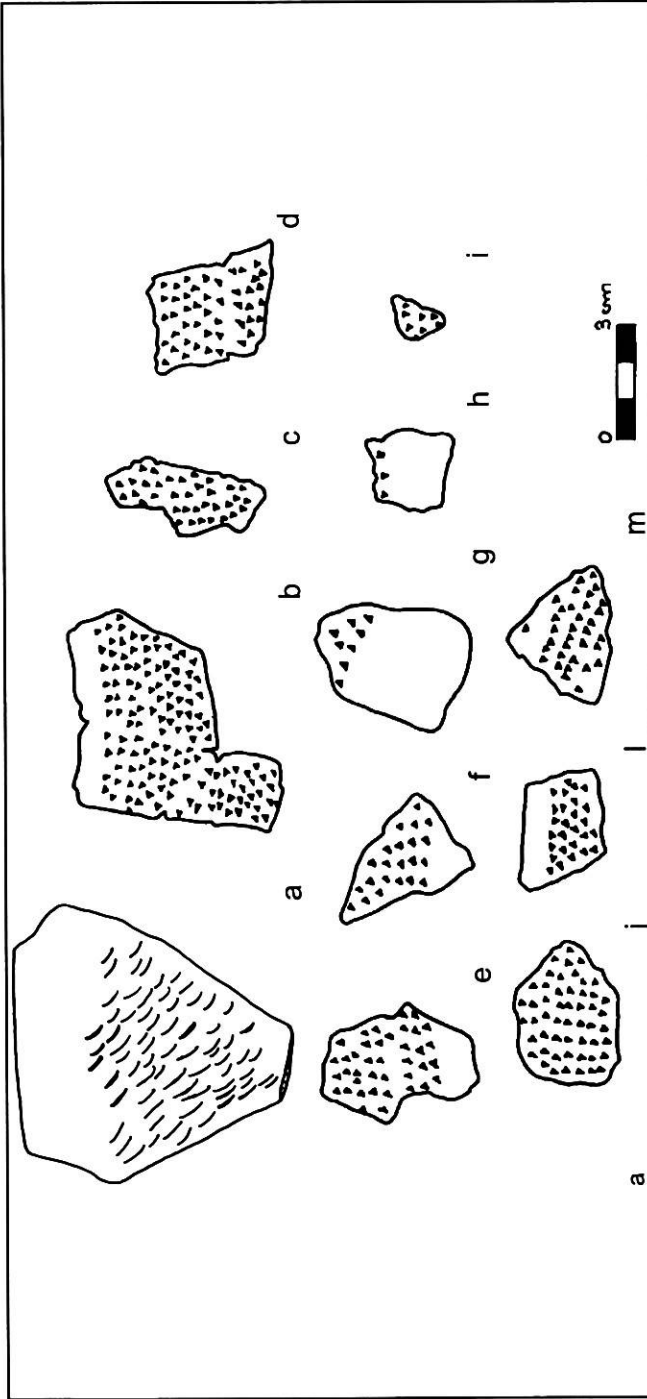


Figura 4: Tipos de decoração plástica registrados no Sítio QQ-22.

Quanto ao tratamento da superfície, nos dados etnohistóricos levantados por Lavina (2002), há uma descrição de Ploetz para o processo de produção das vasilhas cerâmicas, na qual consta que: “uma vez terminada esta operação, elas colocam o vasilhame em um cesto e o expõem à fumaça até adquirir a cor negra característica. Só depois é que a submetem à cocção. Uma vez cozida, elas a esfregam com punhados de liquens” (Ploetz, 1930:172-173). Este poderia ser o processo de acabamento de superfície, designado tecnicamente de brunidura, o qual pôde ser observado na superfície de alguns fragmentos do sítio QQ-22. Segundo Prous (1992, p. 93), a brunidura é um revestimento de cera e fuligem para dar uma cor preta ou melhorar a impermeabilidade, geralmente aplicada após a queima. A técnica acima descrita poderia ser uma variante do processo mencionado por Prous, no qual é impregnado carvão na superfície, e polido a seguir, deixando um aspecto de grafite.

Outro dado interessante, relatado por Moreira Pinto (*apud* Lavina, 2002), refere-se ao fato de os Kaingang fabricarem vasilhames cerâmicos de forma troncônica, com bordas salientes, para que pudessem ser suspensos. Observando-se as formas mais comuns coletadas (ver figuras 5 e 6), pode-se perceber em geral vasilhas bojudas com gargalos e bordas reforçadas, principalmente nas formas das vasilhas reconstituídas no sítio QQ-22, o que poderia estar relacionado ao objetivo de serem suspensas, conforme informação anterior.

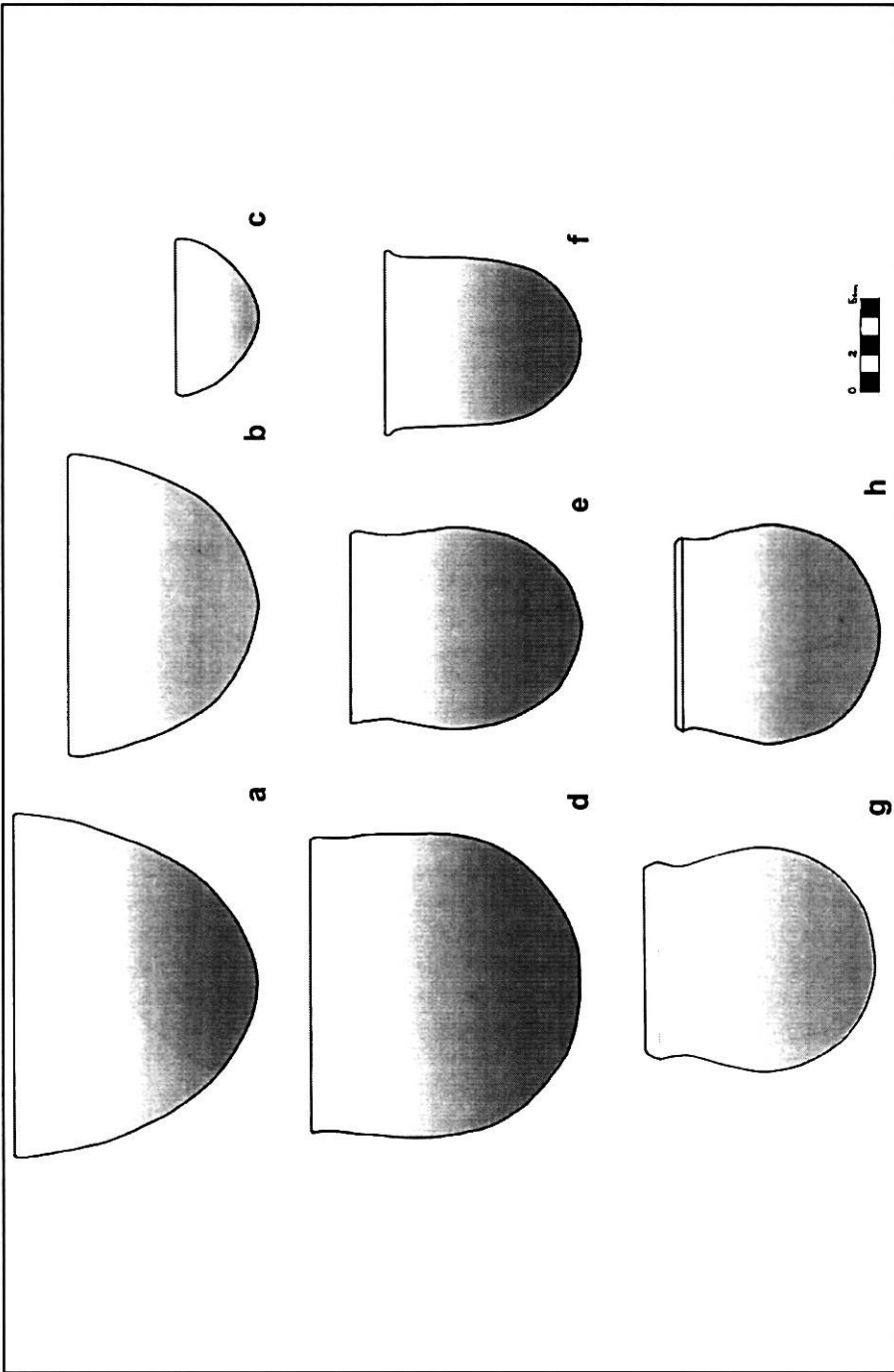


Figura 5: Formas reconstruídas de vasilhas do Sítio QQ-11.

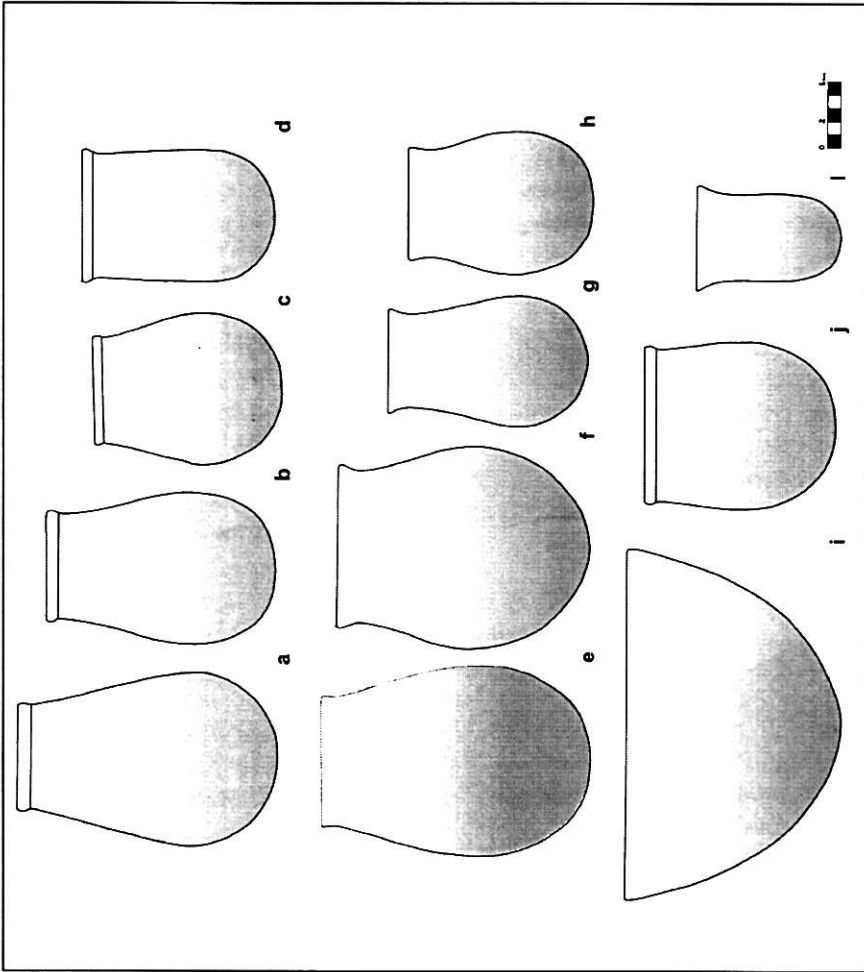


Figura 6: Formas reconstituídas de vasilhas do Sítio QQ-22.

As formas reconstituídas mostram, portanto, grande afinidade com as formas da Tradição Taquara para o Planalto, apresentadas por Schmitz (1988).

No que concerne à indústria lítica, há uma nítida predominância de artefatos lascados em relação aos polidos, divididos, segundo Henriques (2002), em cinco grupos principais: instrumentos de percussão, núcleos, lascas, instrumentos retocados e fragmentos de origens diversas.

Nos sítios lito-cerâmicos a céu aberto, as principais categorias líticas registradas foram as seguintes: batedores; lascas de diversas etapas de fabricação de artefatos (descorticamento, debitagem, regularização, preparo e retoque) e raspadores de tipos diversos: laterais, periféricos e distais (talhadores).

Como matéria-prima, foram empregadas rochas com ocorrência regional: rochas clásticas (provavelmente arenito intetrapp), riocacito, basaltos e calcedônia (Scheibe, 2002).

Henriques Jr. (2002) registra a ocorrência de um grande número de peças de cristal de quartzo de pequenas dimensões, que correspondem à prodigalidade de tal matéria no terreno: pequenos núcleos bipolares, lascas de preparo, lascas de retoque, pequenas lascas de debitagem e muitos estilhaços de lascamento.

De acordo com o autor acima, há uma grande variedade de objetos sobre massa central, ou seja, fabricados sobre blocos brutos, como núcleos e retocados, bem lascados e bem acabados, de várias formas e com pesos diversos, o que denota uma ampla diversidade de trabalhos. As ferramentas mais pesadas destinavam-se ao trabalho de madeira, na maioria troncos, enquanto as peças menores destinavam-se a trabalhos de acabamento.

Nas casas subterrâneas, o material lítico se compõe predominantemente de peças de cristal de quartzo; há uma ou outra peça de calcedônia. Ocorreu um talhador de riocacito, único instrumento com proporções decimétricas no sítio QQ-22.

Discussão dos dados

A escavação do sítio QQ-22 trouxe importante contribuição para a compreensão da estruturação das atividades cotidianas no espaço doméstico de seus ocupantes, problemática que vem atualmente preocupando os pesquisadores voltados à pesquisa das popularmente denominadas “casas subterrâneas”. Foi demonstrado que a maior parte das atividades cotidianas ocorria no entorno das estruturas escavadas, sendo que o espaço interno deveria ser reservado para o repouso e o abrigo das intempéries naturais.

De acordo com a classificação feita por La Salvia (1987), a Estrutura A entraria na categoria de “casa subterrânea grande” (embora esteja no limite entre o que o autor definiu como “média” e “grande”, enquanto a Estrutura B entraria na categoria de “casa subterrânea pequena”. A ligação entre elas ficou evidente, especialmente pelo uso ativo do espaço entre elas. Provavelmente abrigavam famílias, a mais extensa ocupando a Estrutura A e a menos extensa ocupando a

Estrutura B. Acreditamos que a cobertura não correspondia às figurações que têm sido feitas até o momento (ver, a respeito, Kern, 1985; La Salvia, 1987; Schmitz, 2002), ao menos no caso específico deste sítio. A cobertura devia estender-se de cerca de 5,50m a Noroeste da Estrutura A até cerca de 4m a Sudoeste da Estrutura B, ficando o espaço entre elas naturalmente coberto. Tal pres-suposição baseia-se no testemunho da cultura material, que se estendia desde a borda das estruturas, não sendo possível que a cobertura tocasse o solo ou se restringisse a esse limite. O possível buraco de esteio evidenciado na trincheira leste, a cerca de 5m da boca da Estrutura A, fala a favor desta hipótese. Quanto às concentrações de material evidenciadas entre 7,5 e 11m da Estrutura A, acreditamos tratar-se de vestígios de atividades executadas em área realmente externa, descoberta (seriam atividades de “fundo de quintal”).

A associação entre os sítios líticos a céu aberto e as estruturas escavadas ficou também evidente, indicando um processo de circulação dinâmico pelo território de entorno das estruturas escavadas, para a exploração dos recursos naturais. Os estudos ambientais realizados indicaram que esses recursos encontravam-se dispersos pelo território, o que explicaria a estratégia de percorrimto sistemático para sua captação e eventual processamento nos acampamentos registrados.

Ricken (2002), tomando como base as informações prestadas pelos escritos etnográficos disponíveis e os dados provenientes do estudo feito sobre a flora e a fauna, construiu um modelo provável para a exploração dos recursos bióticos presentes na área.

A localização dos sítios é característica dos grupos Kaingang, todos localizados nas partes mais altas, possibilitando um controle visual dos arredores, mas ao mesmo tempo oferecendo rápido acesso aos rios próximos e aos recursos presentes neste e em suas imediações. As áreas mais úmidas na borda do rio são as mais promissoras para coleta de frutos, uma vez que nestas áreas estão estabelecidas a maioria das espécies frutíferas, principalmente árvores das família Myrtaceae.

O rio nesta área é rico em corredeiras, o que facilitaria sobremaneira a pesca com arco e flecha, com “pari” e por envenenamento; por outro lado, as espécies de peixe, em sua maioria, são de pequeno porte. A área, quase contornada pelo rio, com muitos abrigos, traria vantagens para encontrar e encurralar a caça, através da estratégia de seguir os hábitos dos animais, que os levariam até seus esconderijos ou locais preferenciais para beber ou obter alimento.

O pinhão fruto da *Araucaria angustifolia* era o principal alimento dos grupos do planalto; é plausível que os grupos humanos existentes na região migrassem sazonalmente para áreas mais abundantes neste tipo de alimento. É também sabido que na época da frutificação da *Araucária*, a caça também se fazia mais abundante nos locais onde havia maior quantidade de frutos. É possível que, após a colheita do pinhão, os grupos voltassem para os locais onde fosse abundante a caça e possível a colheita de frutos, como, por exemplo, as grandes concentrações de Myrtaceae próximas aos rios.

Os estudos etnohistóricos realizados fortalecem as hipóteses de as estruturas escavadas e os sítios a elas associados estarem relacionados aos antigos habitantes indígenas da região, os kaingang. Relacionando-se as informações obtidas sobre a região com os dados conhecidos sobre os Kaingang históricos, nota-se que a área ofereceria recursos naturais suficiente para a permanência dos indígenas pelo menos por uma parte do ano, ou como ponto de apoio para maiores deslocamentos.

As estruturas escavadas apresentaram uma maior variedade de tipos funcionais e decorativos de cerâmica, o que indica um assentamento em que a estocagem e o preparo de alimentos para consumo constituíam atividades mais importantes do que nos sítios a céu aberto. Isto reforça as hipóteses esboçadas por outros autores, de serem tratadas de habitações de inverno, protegidas dos ventos e nas quais o consumo de alimentos e bebidas quentes se acentuava. O clima também favorecia a estocagem, impossível no período quente.

Nas estruturas escavadas, as atividades domésticas diurnas se davam principalmente na parte externa, devendo o interior ser destinado ao repouso e abrigo das intempéries. Atividades tradicionalmente femininas, como o preparo dos alimentos, eram ali predominantes.

As escavações nas estruturas escavadas demonstraram o acerto dos procedimentos metodológicos adotados, que mostraram como se organizavam as atividades no interior e no exterior das estruturas. Infelizmente, o pequeno número de estruturas escavadas existente no interior da área de estudo não permitiu melhores generalizações, que exigem um maior número de casos para ganhar transparência e confiabilidade.

Outro fator a discutir é a diferença encontrada na cerâmica registrada nos sítios a céu aberto, sem estruturação física visível, e a cerâmica registrada no entorno das estruturas escavadas (“casas subterrâneas”). A cerâmica dos sítios a céu aberto é pouco expressiva numericamente e não apresenta decoração, o que nos faz pensar que, nesses sítios, as atividades domésticas ligadas à confecção de cerâmica eram pouco desenvolvidas, e que as atividades de processamento de alimentos pela cocção em vasilhas eram reduzidas.

Já a grande quantidade de fragmentos e a decoração apresentada pela cerâmica das casas subterrâneas, resgatadas nas duas últimas etapas de campo, relacionada à Tradição Taquara, indicam, contrariamente aos sítios não construídos, uma atividade importante de fabricação e uso de recipientes cerâmicos.

Os sítios a céu aberto, nos quais predominam os objetos de pedra lascada mais robustos, apropriados ao trabalho em madeira, certamente desempenhavam função distinta dos pequenos artefatos líticos encontrados nas estruturas escavadas, onde deviam servir sobretudo para atividades domésticas, como cortar e raspar alimentos e peles.

No entanto, os diversos sítios registrados na área de estudo poderiam também constituir áreas-satélite da aldeia principal, por onde os grupos circulavam, como parte de sua estratégia de obter os alimentos nos locais onde eles predominavam (Noelli, 2000). Só que, no caso da área de inserção da UHE Que-

bra-Queixo, seus limites restritos não permitiram verificar a extensão e diversidade do território explorado, que certamente excedia consideravelmente os limites pesquisados neste projeto.

Chama a atenção a reduzida quantidade de estruturas habitacionais circulares escavadas (“casas subterrâneas”, na bibliografia arqueológica brasileira; “buracos de bugre”, na nomenclatura popular; “pithouses”, na bibliografia arqueológica norte-americana) registradas na área da UHE Quebra-Queixo: apenas duas, no Sítio QQ-22, uma vez que as estruturas registradas num outro sítio, QQ-19, não foram objeto de avaliação arqueológica, podendo ser naturais. Mesmo se as considerarmos como estruturas residenciais, assim como as registradas nos sítios QQ-33 e QQ-34, localizados na área de influência indireta da UHE Quebra-Queixo, salta à vista seu número reduzido e a distância entre elas na área de estudo. A hipótese que nos ocorre seria a de estarmos com populações pouco reduzidas numericamente, possivelmente refugiadas no extremo oeste catarinense, já em período histórico avançado, uma vez que a ocupação do oeste do Estado de Santa Catarina pela denominada “sociedade nacional” vai-se dar efetivamente apenas no último quartel do século XIX, “*com a delimitação final da fronteira entre Brasil e Argentina, em 1885*” (Rossetto, 1996). Acreditamos que essas populações eram os Kaingang registrados historicamente na região (como diria Reis, 2002: 188, “*o grupo humano tem nome*”).

Essa hipótese é reforçada pelas datações obtidas para essas estruturas residenciais a partir de amostras de carvão enviadas ao laboratório Beta Analytic Inc., as quais indicam, conforme quadro a seguir, uma ocupação das duas estruturas residenciais entre meados e final do século XIX:

Sítio	Nº Amostra	Nº Beta Analytic	Estrutura	Nível	Datação
QQ-22	QQ22A 1	Beta-165798	Entorno da Estrutura A	15/20 cm	100
QQ-22	QQ22A 2	Beta-165799	Interior da Estrutura A	1,88 m	144
QQ-22	QQ22AB	Beta-165-800	Interior da Estrutura B	1,30 m	122

Schmitz (2002), falando das casas subterrâneas dos Kaingang, menciona que, “*em meados do século 19, por causa de sua oposição ao branco, esses índios foram confinados em reservas, mas alguns bandos continuaram vagando pelo território*”. Essa poderia ser uma possibilidade explanatória para as reduzidas casas circulares escavadas encontradas na área diretamente afetada da UHE Quebra-Queixo: moradias de bandos indígenas, foragidos do expansionismo e da violência do branco. No MAPA DO ESTADO DO PARANÁ, de 1896, há uma indicação de “ÍNDIOS COROADOS” (como eram chamados os Kaingang no séc. XIX), na margem esquerda do Rio Chapecó, sobreposta à indicação “SERTÃO DESCONHECIDO” (*apud* D’ Angelis, 1996, autor que relata em detalhes a violenta história do contato entre índios e brancos no Oeste Catarinense).

Infelizmente, o alto grau de degradação da área de estudo não permitiu avaliar as dimensões e estruturação espacial dos sítios não construídos, nem recuperar material datável associado a eles. Mesmo os montículos, tradicionalmente associados às casas escavadas, formados pela terra retirada das habitações em construção, não aparecem na área, possivelmente destruídos como obstáculos aos trabalhos agrícolas.

Entender melhor as relações funcionais entre os sítios não construídos e as estruturas circulares escavadas, assim como as alterações temporais e as diferenças regionais nos modos de ocupação do espaço intra e extra sítio são questões que ainda precisam ser aprofundadas na arqueologia kaingang. Sem nos esquecermos de que essas alterações devem ter sido ainda mais intensas após o contato com o colonizador europeu, com profundas repercussões na demografia dos grupos e nas estratégias que precisaram desenvolver para resistir e sobreviver.

Referências bibliográficas

- D'ANGELIS, W. R. Para Uma História dos Índios do Oeste Catarinense. In: *Para Uma História do Oeste Catarinense – 10 anos de CEOM*. Chapecó, UNOESC, 1996, p.141-220.
- ENGEVIX RIMA – *Aproveitamento Hidrelétrico Quebra-Queixo*. Rio de Janeiro, 1998.
- FERDIÈRE, A. La fouille, pour quoi faire? In: A. Schnapp (Ed.), *L'Archéologie Aujourd'hui*. Paris, Hachette, 1980.
- GOULART, M. *Projeto Arqueológico Uruguai. Levantamento e escavação de sítios arqueológicos no Município de Chapecó, Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC/Eletrosul, 1983.
- HENRIQUES JR., G. P. O material lítico. In: S. B. CALDARELLI (Org.) *Projeto de Resgate Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Quebra-Queixo, SC – Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Ambiental, 2002.
- KERN, A. A. (Coord.) *Projeto Arqueológico Uruguai: relatório de pesquisa arqueológica em área da futura usina hidrelétrica de Barra Grande*. Porto Alegre, PUCRS, 1985.
- LA SALVIA, F. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: W. GÜNTER (Org.), *Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- LAVINA, R. Informações etnográficas sobre os kaingang do Brasil Meridional. In: S. B. CALDARELLI (Org.) *Projeto de Resgate Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Quebra-Queixo, SC – Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Ambiental, 2002.
- MABILDE, P. F. A. B.. *Apontamentos Sobre os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*. São Paulo/Brasília, IBRASA/PRÓ-MEMÓRIA/INL, 1983.
- MILLER Jr., T. O. Tecnologia cerâmica dos caingang paulista. *Arquivos Museu Paranaense – nova série – Etnologia 2*. Curitiba, 1978.
- NOELLI, F. S. A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. *Revista USP*, 44, 2000: 218-269.
- PLOETZ, H. *La Civilisation Matérielle et la Vie Sociale et Religieuse des Indiens Ze du Brésil Méridional et Oriental*. Revista del Instituto de Etnología de la Universidad de Tucumán, Tucumán, 1930.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Editora UnB, 1992.

REIS, J. A. dos *Arqueologia dos buracos de bugre: uma pré-história do planalto meridional*. Caxias do Sul, EDUCS, 2002.

RICE, P. M. *Pottery Analysis*. London, Univ. Of Chicago Press, 1987.

RICKEN, C. Meio Biótico. In: S. B. CALDARELLI (Org.) *Projeto de Resgate Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Quebra-Queixo, SC – Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Ambiental, 2002.

ROHR, J. A. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*. Florianópolis, UFSC, 1984, p. 77-167

ROSSETTO, S. Síntese histórica da região oeste. In: *Para Uma História do Oeste Catarinense – 10 anos de CEOM*. Chapecó, UNOESC, 1996, p. 7-15.

SCHEIBE, L. F. Meio físico: geologia e petrografia. In: S. B. CALDARELLI (Org.) *Projeto de Resgate Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Quebra-Queixo, SC – Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Ambiental, 2002.

_____. Características litológicas de instrumentos Kaingang no Oeste de Santa Catarina. In: S. B. CALDARELLI (Org.) *Projeto de Resgate Arqueológico na Área Diretamente Afetada da UHE Quebra-Queixo, SC – Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Ambiental, 2002.

SCHMITZ, P. I. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo, IAP/Unisinós, p. 75-130, 1988.

_____. As "casas subterrâneas": fragmentos da história dos índios Kaingang. *Ciência Hoje*, 31 (181): 22-29, 2002.

SENIOR, L. M. & BIRNIE III, D. P. Accurately estimating vessel volume from profile illustrations. *American Antiquity*. Vol. 60, 2:319-334, 1995.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Urugual.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1, 1957, p.122-142. *Esgotado - xerox.*
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo.** José de Moura. Pesquisas 1, 1957, p.143-180, anexo p.293-295. *Esgotado - xerox.*
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul) -** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 2, 1958, p.113-143. *Esgotado - xerox.*
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina.** Pe. João Alfredo Rohr. Pesquisas 3, 1959, p.199-266. *Esgotada - xerox.*
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea.** Ignácio Schmitz. Pesquisas 3, 1959, p.267-324. *Esgotado - xerox.*
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbราซิลien -** Guilherme Tiburtius. Pesquisas, 1960, Antropologia nº 6, 60p.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná -** Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51p., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II -** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32p., 5 fig. 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas.** J. Hasler Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17p.
10. **Os Munkü, 2ª contribuição ao estudo da tribo Iranche.** José de Moura. Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59p.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbราซิลien.** Guilherme Tiburtius. Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28p., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, II.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18p., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense.** Igor Chmyz. Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19p., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961).** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1962, Antropologia nº14, 27p., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I. Exploração sistemática do sítio de Praia de Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61p., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz. e outros. Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58p., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24p., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.** Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190p., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30p., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências.** Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216p., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o Interior do Sul do Brasil.** Tom O. Miller, Jr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48p., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37p., 1 mapa, 2 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54p., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56p., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuara e Quinze Lendas dos Rikbaktsa.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1973, Antropologia nº25 48p.
26. **A morte e a outra vida dos Nanbikuara. Lendas dos Índios Nanbikuara.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54p.
27. **Lendas dos Índios Irânxe.** Pe. Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1974, Antrop. nº 27, 84p.
28. **História dos Munkü (Irânxe).** Pe. Adalberto Holanda Pereira e Pe. José de Moura e Silva. Pesquisas 1976, Antropologia nº 28, 40p.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264p.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás.** Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke, Altair Sales Barbosa. Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73p.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz (Ed.). Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249p.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243p.

33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede Thies. Pesquisas 1982, Antropologia n° 33, 281p.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Ceramista Pindorama.** Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda. Pesquisas 1982, Antropologia n° 34, 93p.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil.** Jussara Louzada Ferrari, Pesquisas 1983, Antropologia n° 35, 132p.
36. **O Pensamento Mítico dos Nambikwára.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1983, Antropologia n° 36, 144p.
37. **El Indio y la Colonización.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1984, Antropologia n° 37, 288p.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la República Oriental del Uruguay y sur de Brasil.** Maria Amanda Caggiano. Pesquisas 1984, Antropologia n° 38, 109p.
39. **O pensamento Mítico do Irânxe.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1985, Antropologia n° 39, 167p.
40. **Cranimetria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios de Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** Pe. João Alfredo Rohr. e outros. Pesquisas 1985, Antropologia n° 40, 144p.
41. **O pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1986, Antropologia, n° 41, 441p.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte -** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1987, Antropologia, n° 42, 398p.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina).** Walter Alves Neves. Pesquisas 1988, Antropologia n° 43, 178p.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I.** Pedro Ignácio Schmitz, Altair S. Barbosa, André L. Jacobus e Maira B. Ribeiro. Pesquisas 1989, Antropologia n° 44, 208p.
45. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani.** Sérgio Baptista de Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus. Pesquisas 1990, Antropologia n° 45, 210p.
46. **História da Arqueologia Brasileira.** Alfredo M. de Souza. Pesquisas 1991, Antropologia n° 46, 157p.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1992, Antropologia n° 47, 197p.
48. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina e André Luis Jacobus. Pesquisas 1993, Antropologia n° 48, 220p.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia de Tradição Ceramista Itararé.** Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco A. Nadal de Masi, Jairo H. Rogge e André L. Jacobus, Pesquisas 1993, Antropologia n° 49, 181p.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaksá.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1994, Antropologia n° 50, 336p.
51. **O Pensamento Mítico Kayabi.** Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1995, Antropologia n° 51, 160p.
52. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central - Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás: O Projeto Serra Geral** Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, Avelino Fernandes de Miranda, Maira Barberi Ribeiro e Mariza de Oliveira Barbosa. Pesquisas 1996, Antropologia n° 52, 198p.
53. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr: Laranjeiras I, Pântano do Sul e Cabeçadas.** Pedro Ignácio Schmitz, Ana Luiza Vietti Bitencourt e Ivone Verardi. Pesquisas 1996, Antropologia n° 53, 193p.
54. **Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Jairo H. Rogge, André O. Rosa, Marcus V. Beber. Pesquisas 1998, Antropologia n° 54, 271p.
55. **Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1999, Antropologia n° 55, 164p.
56. **Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889).** Luis Fernando da Silva Laroque. Pesquisas 2000, Antropologia n° 56, 220p.
57. **Pescadores Coletores da Costal Sul do Brasil.** Marco Aurelio Nadal de Masi. Pesquisas 2001, Antropologia n° 57, 136p.